



Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia
Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu*

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO *EM E PARA OS*
DIREITOS HUMANOS, NO CONTEXTO DA DIVERSIDADE
CULTURAL - EEDH

**PREVENÇÃO E INTERVENÇÃO NA PRÁTICA DO *BULLYING* NAS
ESCOLAS PÚBLICAS DA REGIÃO ADMINISTRATIVA DE
SAMAMBAIA-DF**

BRUNO TIAGO DA CUNHA

BRASÍLIA

2015



Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia
Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu*

BRUNO TIAGO DA CUNHA

**PREVENÇÃO E INTERVENÇÃO NA PRÁTICA DO *BULLYING* NAS
ESCOLAS PÚBLICAS DA REGIÃO ADMINISTRATIVA DE
SAMAMBAIA-DF**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação *em e para* os Direitos Humanos, no contexto da Diversidade Cultural, como requisito para obtenção do grau de especialista em Educação em e para os Direitos Humanos no Contexto da Diversidade Cultural.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª. Patricia C. Campos-Ramos

BRASÍLIA

2015

Cunha, Bruno Tiago.

Prevenção e Intervenção na Prática do Bullying nas Escolas Públicas da Região Administrativa de Samambaia-DF / Bruno Tiago da Cunha. – Brasília, 2015. xvi, 42 f. : il.

Monografia (especialização) – Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, 2015.

Orientador: Patrícia C. Campos-Ramos.

1. *Bullying*. 2. Qualificação. 3. Prevenção Bullying. I. Prevenção e Intervenção na Prática do Bullying nas Escolas Públicas da Região Administrativa de Samambaia-DF.

**Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia
Pós-Graduação *Lato Sensu*
Curso de especialização em Educação *em e para* os Direitos Humanos, no
contexto da Diversidade Cultural**

O Trabalho de Conclusão de Curso de autoria de Bruno Tiago da Cunha, intitulada *Prevenção e Intervenção na Prática do Bullying nas Escolas Públicas da Região Administrativa de Samambaia-DF*, submetido ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de Especialista em Educação *em e para* os Direitos Humanos no Contexto da Diversidade Cultural, foi defendido e aprovado pela banca examinadora abaixo assinada:

Aprovado por:

Professora Dra. Patrícia C. Campos-Ramos (Presidente)

Universidade de Brasília (UnB)

Professor: Juliana Crespo Lopes (Examinadora)

Brasília, 30 de novembro de 2015.

Dedico esse trabalho aos meus pais, que sempre me mostraram que o estudo é a chave para o sucesso e à minha esposa, que está sempre me apoiando.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pela oportunidade de ter cursado essa pós-graduação e, ainda, a minha esposa Maria da Graças, pois sem o seu apoio e palavra de incentivo não teria chegado até aqui.

"Há muitas pessoas de visão perfeita que nada veem...

O ato de ver não é coisa natural.

Precisa ser aprendido! ” (Rubem Alves).

RESUMO

Acredita-se que o *bullying* seja um fenômeno capaz de gerar consequências para vida toda, uma vez que suas vítimas são mais propensas a desencadear transtornos psicológicos, porém não são apenas as vítimas de *bullying* que podem ter seu futuro prejudicado por essa prática, uma vez que os autores estão propensos a se envolverem em atos ilícitos. Mesmo o *bullying* sendo uma atitude desencadeada, muitas vezes, no ambiente escolar requer atenção de todos, pois esses atos podem estar refletindo circunstâncias do convívio social do indivíduo, não sendo exclusividade da escola lidar com o *bullying*, tendo os pais o compromisso de compartilhar essa responsabilidade com os profissionais da educação que, por sua vez, devem estar adequadamente qualificados para enfrentar esse mal, que assola o ambiente escolar. Com o propósito de dirimir a prática do *bullying* realizamos uma pesquisa com alunos, responsáveis e professores, visando obter informações para realização de uma proposta de intervenção que se daria pela qualificação dos professores, participação dos responsáveis e sensibilização dos alunos que também realizariam a encenação de uma peça com o propósito de orientar os responsáveis. Outro projeto de intervenção para execução imediata também foi proposto, onde os alunos responderiam um questionário a respeito de quem sofria *bullying* e quem se sentia isolado durante os recreios. Depois, incluiríamos atividades de esporte e lazer durante os recreios por uma semana, após a semana de atividades retornaríamos com o questionário para alunos do ensino fundamental e médio e entrevista com os alunos do 1º ao 5º ano, com as mesmas perguntas e analisaríamos se houve mudanças e se essas mudanças foram significativas.

Palavras-chave: *bullying*, prevenção, qualificação.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Demonstrativo de alunos respondentes.....	13
TABELA 2: Demonstrativo de professores respondentes.....	14
TABELA 3: Resultados sobre autores de <i>bullying</i>	14
TABELA 4: Resultados da pesquisa sobre vítimas de <i>bullying</i>	16
TABELA 5: Resultados de situações de <i>bullying</i> que foram presenciadas pelos alunos.....	17
TABELA 6: qualificação e atitudes dos professore para lidarem com o <i>bullying</i>	19

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Atitude dos responsáveis caso seu filho fosse vítima de bullying.....18

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	4
JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS.....	6
3. OBJETIVOS DA PESQUISA	7
4. FUNDAMENTAÇÃO	8
4.1 <i>BULLYING</i>	8
4.2. FORMAÇÃO DOS PROFESSORES PARA LIDAR COM O <i>BULLYING</i>	9
4.3. A FAMÍLIA E O <i>BULLYING</i>	11
5. METODOLOGIA	13
6. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DOS QUESTIONÁRIOS	14
6. PROJETO DE AÇÕES DE INTERVENÇÕES	22
6.1. QUALIFICAÇÃO DOS PROFESSORES	22
6.2. CONSCIENTIZAÇÃO DOS ALUNOS	23
6.3. ENVOLVIMENTO DOS RESPONSÁVEIS	24
7. COMENTÁRIOS FINAIS	25
REFERÊNCIAS	27
ANEXO I - QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DESTINADO AOS ALUNOS	31
ANEXO II - QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DESTINADO AOS PAIS	33
ANEXO III - QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DESTINADO AOS PROFESSORES ..	34
TERMO DE CONSENTIMENTO.....	36

1. INTRODUÇÃO

O *bullying* ganhou muita notoriedade nos últimos anos, devido a algumas tragédias decorrentes dessa prática. Porém, o problema é muito maior do que o noticiado na mídia, pois a resposta às ações do *bullying* não são apenas as que resultam em homicídios ou suicídios; temos pessoas que perdem anos de suas vidas sem conseguir se socializar ou dar sequência a sua vida profissional, por terem desenvolvido depressão e baixa autoestima em decorrência de fatores como o *bullying*. Por poder afetar a vida inteira de uma pessoa, o tema se torna de extrema importância ser estudado. Então, como lidar com a prática do *bullying* nas escolas públicas? Será que os professores estão devidamente qualificados para lidar com a prática do *bullying*? Será que as escolas possuem projetos para prevenir o *bullying*? E se não possuem, como deve ser um projeto de prevenção ao *bullying*?

O *bullying* não é um fato novo no ambiente escolar, ele já existe há muitos anos, porém vem ganhando notoriedade com os constantes atentados realizados em escolas nos Estados Unidos.

O *bullying* é uma atitude inicial de um indivíduo que, no decorrer da sua vida, se demonstrará preconceituoso e intolerante às diferenças. Para Silva (2010), a prática do *bullying* pode ser reflexo de um convívio familiar em que não há o respeito às diferenças e nem imposição de limites ou indivíduos que carecem de um modelo de educação que seja capaz de associar a auto realização com atitudes socialmente produtivas e solidárias, podendo haver aqueles que cometem *bullying* por estarem vivenciando dificuldades momentâneas ou indivíduos que apresentam transgressão como base estrutural de suas personalidades, onde a educação dos filhos não é norteadada pelo respeito ao próximo e o convívio harmonioso entre os indivíduos.

“Sabe-se que a família é o primeiro espaço de desenvolvimento do ser humano e onde são internalizados emoções e repertórios de comportamento que serão experimentados em outros lugares de socialização, como a escola” (Bowes et al., 2010; Lee & Song, 2012; Voisin & Hong, 2012 apud OLIVEIRA et al., 2015 p. 122).

OLIVEIRA et al (2015) citam estudos onde, em geral, os alunos mais propensos a se envolverem em situações de *bullying* apresentaram relações menos favoráveis e menos sentimento de envolvimento e empatia familiar.

Como já observado, o *bullying* está relacionado à família, à escola, aos tipos de agressão e ao diálogo. De acordo com Santos e Junior (2012), entre outros, estudos sugerem, também, relação entre a vulnerabilidade social e o *bullying*, que colocam os adolescentes em situação de sujeito vulnerável por ser pobre, negro, morador da periferia, etc, quando essas características passam a distinguir os jovens se tem o risco de limitar suas ações, são os elementos característicos que são atacados ao se cometer *bullying* contra um adolescente, ou seja, aquilo que ele tem de mais íntimo e subjetivo é atingido e as sequelas são os sinais do sofrimento e da dor.

“No espaço escolar é um fenômeno complicado de identificar, pois muitas vezes é banalizado e confundido como indisciplina. Ele, portanto, exige por parte da gestão presença constante, pois normalmente as vítimas são aterrorizadas em áreas da escola com pouca ou nenhuma supervisão” (ABREU, 2013 p. 11).

O *bullying* não deve mais ser visto como uma brincadeira entre alunos e, sim, como um problema de saúde pública. Muitos envolvidos necessitam de acompanhamento psicológico, uma vez que as vítimas do *bullying* podem carregar consigo traumas psicológicos que podem interferir muito além de seu desenvolvimento pedagógico, inclusive, em suas futuras relações de trabalho e convívio social.

Contudo, como lidar com o *bullying* sem que os profissionais sejam qualificados e adequados para isto? Sendo que, para intervenção à prática do *bullying*, faz-se necessário que ocorra a qualificação do professor e, também, a presença de um psicopedagogo e como criar um projeto de intervenção ao *bullying* sem o conhecimento de causa?

O combate ao *bullying* torna-se difícil porque, muitas vezes, a vítima não representa as agressões sofridas aos professores ou diretores, por ter vergonha ou até mesmo medo de represálias por parte do agressor, então é importante que o professor esteja preparado para identificar situações e vítimas de *bullying* (LEANDRO, 2013).

JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS

Bullying é uma ação agressiva e repetitiva que não apresenta motivações específicas ou justificáveis e visa denegrir quem sofre e aumentar a sensação de poder de quem a pratica, sendo muitas vezes a maneira de expor a intolerância às diferenças (FANTE, 2005 apud DUARTE, 2013; SILVA, 2010).

“A importância de se falar sobre o *bullying* está no fato de que vem ocorrendo intensamente. Necessário então, se faz compreender suas características e forma de funcionamento. Essa prática violenta produz efeitos físicos e psicológicos. Ocorre sem motivação aparente e contra alguém em desvantagem de força, ocasionando resultados desastrosos para as vítimas, e também aos agressores e testemunhas, além disso, tem se transformado em tema de políticas públicas em todo o mundo recentemente” (BOLZAN, 2012 p.6).

O *bullying*, muitas vezes, é um reflexo do convívio familiar onde o ambiente é conturbado, fazendo com que a criança ou adolescente o retrate em seu convívio social. É de extrema importância o combate ao *bullying* para que casos como o de Realengo, onde um jovem invadiu a escola que frequentava quando criança, atirando e deixando 12 pessoas mortas, não volte a se repetir.

Para o adequado trato à prática do *bullying*, é preciso que haja qualificação dos profissionais de educação e o desenvolvimento de programas bem estruturados, contando com a participação de toda a comunidade escolar. Contudo são poucas as escolas que dispõem de um programa de combate ao *bullying* e poucos profissionais participaram de algum curso relacionado ao *bullying* nas escolas. No Distrito Federal, por exemplo, os profissionais que buscaram conhecimento na área fizeram por conta própria, pois a secretaria de educação não oferece um treinamento aos profissionais para lidar com o *bullying*.

Com essa pesquisa buscaremos apontar mudanças que devem ser feitas e atitudes que devem ser tomadas para prevenir o *bullying* nas escolas e, também, evidenciar a omissão das instituições no combate a tal prática.

3. OBJETIVOS DA PESQUISA

Objetivo Geral: Identificar práticas de *bullying* nas escolas públicas da região administrativa de Samambaia - DF.

Objetivos Específicos:

- Evidenciar os prejuízos causados pelo *bullying*.
- Expor a inexistência de práticas de prevenção ao *bullying* e demonstrar os benefícios que estas práticas teriam.
- Constatar a falta de formação dos professores para lidar com o *bullying*.
- Propor um modelo de projeto de enfrentamento e prevenção ao *bullying*:
 - Proposta de projeto para resultados futuros seria a implantação de um curso de qualificação dos professores que se daria via educação a distância utilizando a plataforma da Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação – EAPE, os formadores desse curso seriam profissionais já capacitados, da própria Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, o curso seria dividido em cinco dias com conteúdos distintos para cada dia, embasado no conhecimento adquirido, os professores ministraram palestras aos alunos por 5 dias e no sexto dia será transmitido o filme “Um grito de socorro” (Dave Schram, 2013). Os pais seriam orientados a como identificar se seu filho está sendo vítima de *bullying* e por sua vez, seriam convidados a elaborar um relatório com queixas, sugestões e elogios em relação aos próprios filhos e ao ambiente escolar.
 - Proposta de intervenção para aplicação imediata seria identificar alunos que se sentem isolados na escola e em seguida aplicar por cinco dias atividades de esporte e lazer durante os recreios, após os cinco dias buscaríamos o retorno para saber se houve os alunos que se sentiam isolados passaram a se sentir mais agregados.

4. FUNDAMENTAÇÃO

“Os fatores que contribuem para a violência na escola são complexos e multifacetados. Diversos autores sugerem correlações da prática de bullying com questões sociais e culturais, dinâmicas familiares, influência da mídia, videogames etc.” (WERLE, 2006 apud NETO, 2007, p. 52)

4.1 BULLYING

A escola pode ser um lugar muito hostil para crianças e adolescentes, não somente pelas notas vermelhas, mas pelas relações interpessoais negativas, como: intimidação, assédio, humilhação, que ocorrem com colegas e até com professores e funcionários (WEBER, 2010).

“Muitos pais, alunos e professores consideram empurrões, fofocas, apelidos e risadinhas como “brincadeiras” entre alunos, porém, esse comportamento está longe de ser inocente, ele é tão comum que recebe até um nome especial: *bullying*” (CARVALHO, 2010, p. 10).

Segundo Carvalho (2010), *bullying* é a prática de atos agressivos humilhantes de um grupo de estudantes contra um colega, sem motivo aparente, e deriva da palavra da *Bully*, da língua inglesa, que significa brigão, valentão.

O *bullying* é um ato de violência física ou verbal, que pode causar consequências emocionais e até consequências na aprendizagem da vítima, devido ao fato de ocorrer, principalmente, com crianças e adolescentes dentro do contexto escolar (VECHI, 2012).

De acordo com Oliveira (2007), um estudo realizado pela ABRAPIA revelou que 40,05% dos alunos estão diretamente envolvidos em situações relacionadas ao bullying, estando os meninos mais envolvidos do que as meninas, tanto adotando essa prática (como autores) quanto sofrendo suas consequências (como alvos de bullying). Geralmente, os estudantes de séries iniciais são mais vitimizados.

A vítima do *bullying* passa por grande sofrimento, físico ou o psicológico. Esse sujeito pode vir, também, a buscar exclusão ou isolamento, como forma de ‘fugir’ de tal

sofrimento e, desse modo, encontrar-se em situação de marginalização social (BOLZAN, 2012).

Segundo Fante (2014), o *bullying* deve ser visto como um problema que vai além do âmbito pedagógico e deve ser tratado como um problema de saúde pública, visto que as vítimas muitas vezes necessitam de acompanhamento médico, psicológico e assistencial, tendo algumas vezes a necessidade de administração de medicamentos e, até mesmo, levando-a a internação.

Para Carvalho, (2010) o *bullying* também está relacionado à segurança pública, uma vez que os autores do *bullying* tem maior tendência a se tornarem adultos violentos e antissociais, inclusive praticando delitos e, em alguns casos, as vítimas do *bullying* também podem se tornar violentos.

Muitas escolas nada fazem porque simplesmente consideram esse fenômeno como algo normal no comportamento de crianças e adolescentes. Porém esse é um fenômeno que não pode ser ignorado pelas escolas nem pela família (WEBER, 2010).

4.2. FORMAÇÃO DOS PROFESSORES PARA LIDAR COM O *BULLYING*

De acordo com Gisi, Vaz e Valter (2012, p. 02) “é imprescindível saber distinguir o *bullying* de qualquer outro tipo de agressão pontual ou momentânea. O que para muitos pode aparentemente parecer uma brincadeira é na realidade uma agressão seja ela física ou não”.

Em uma pesquisa realizada por Fante (2005), citada por Carvalho (2010, p. 24), ela relata que ouviu de alguns educadores que esse tipo de relação baseada na submissão sempre existiu, sendo normal encontrar, nas escolas, grupos que dominam e que se deixam dominar, e que isso faz parte da vida, devendo os alunos aprender sozinhos a conviver e a lidar com situações impostas por seus agressores, pois, afinal, experiências assim os tornarão fortes para enfrentarem os desafios futuros.

“A falta de atenção de professores e funcionários escolares com relação a esse fenômeno é algo grave, pois, pode ocasionar a evasão escolar de muitos alunos que por não conseguirem se defender acabam desistindo de frequentar a escola” (MARRIEL, 2006, apud ARAUJO & NUNES, 2010, p.393).

Atualmente, o perfil da escola exige dos professores uma formação mais completa, realizando uma reformulação nos currículos existentes nos cursos de licenciatura, sendo necessário que sejam qualificados para lidar com as situações de *bullying*, principalmente, em sua prevenção. Para isso devem ser estabelecidas ações conjuntas entre instituições formadoras e escolas na implementação de programas de formação de professores (GISI, VAZ E VALTER, 2012).

Nem todos os conflitos sociais ou interpessoais, mesmo quando se adotam comportamentos agressivos, conduzem à violência e à vitimização. Algumas vezes, as agressões são recíprocas, não sendo possível identificar quem é a vítima e quem é o autor. Logo, para que haja a prevenção, se faz necessária a capacitação dos profissionais de educação para que esses saibam identificar, distinguir e diagnosticar o fenômeno, bem como conhecer as respectivas estratégias de intervenção e de prevenção hoje disponíveis (CARVALHO, 2010).

“De acordo com a pesquisa realizada, em 2009, pela Plan, constatou-se que 50% dos casos de *bullying* ocorrem em sala de aula. O estudo também mostrou que 68% dos casos ocorridos em sala de aula acontecem na presença do professor. Esses números são indicadores da responsabilidade do professor perante essa prática. A atitude por ele tomada servirá de exemplo aos demais alunos presentes e o exemplo pode ser tanto positivo quanto negativo” (MEOTTI e PERÍCOLI, 2013 p. 74).

Os docentes, por vezes, não sabem como agir em decorrência da própria formação, que não lhes dá o preparo para tal. Estes professores são exemplos para o comportamento apático de alguns alunos nestas situações e acabam colaborando para formar cidadãos sem iniciativa, que não reagem frente a injustiças. Temos também os docentes que recorrem à ajuda da orientação educacional e da direção, ajuda esta que, muitas vezes, resume-se em uma punição regulamentar, que não atinge a raiz do problema e que não leva à extinção do problema (RAMOS, 2008).

A pesquisadora Ivone Pingoello constatou, em sua tese de doutorado, que os professores não estão preparados para lidar com o *bullying*, pois, entre os oito professores que aceitaram participar da sua pesquisa, apenas um demonstrava conhecimento sobre *bullying*. A pesquisadora defende que a preparação dos professores para lidar com o *bullying* deva vir desde a licenciatura (SIMÕES, 2010).

Em seminários de formação ministrados na América e na Europa, observou-se que os professores, diretores e outros profissionais que trabalham nas escolas

receberam pouquíssima formação sobre como propiciar uma boa educação aos jovens que demonstram comportamento agressivo e, menos ainda, sobre como evitar a ocorrência de *bullying* nas escolas (CARVALHO, 2010, p. 32).

O desdenho dado pelos adultos no âmbito escolar no tocante as necessidades dos alunos, também se repete no quadro familiar, pois segundo Costantini (2004) apud Oliveira (2007), é perceptível que nas famílias dos agressores/intimidadores que os valores pertencentes a estas são divergentes do convívio em sociedade, assim como, os pais das vítimas, mesmo cientes das agressões sofridas por seu filho, mostram-se despreparados em lidar com o fato e não comunicam a escola sobre o ocorrido. Os dados mostram que os filhos contam seus segredos aos pais, com clareza, mas estes parecem não ter capacidade de compreender suficientemente suas preocupações e comunicá-las à escola. No que se refere aos intimidadores, é o caso de se perguntar quais valores são transmitidos pela família. Os autores de *bullying* tendem a ser agressivos, impulsivos, mais fortes e populares que seus alvos. Podem ser identificadas questões familiares que poderiam explicar seus atos, como pobres relações afetivas, violência doméstica ou permissividade e tolerância excessivas (FEKKES, 2005; LIANG, 2007; LOPES, 2005 & SMITH 2004 apud NETO 2007).

4.3. A FAMÍLIA E O BULLYING

Com a família considerada como o primeiro agente de socialização, muitos especialistas apontam os estilos parentais junto com a violência e discórdia entre os pais são as principais causas de problemas de comportamento em crianças. De acordo com a aprendizagem do paradigma social, crianças aprendem e adquirem comportamentos através da observação e imitação. Sendo assim, discórdias parentais podem ser manifestadas em relações de pares de crianças (MIZELL, 2003 apud DETONI, 2008).

A influência familiar para a aprendizagem do indivíduo também se justifica com a citação de Guareschi (2010) apud Trevisol & Dresh (2011):

“O ser humano tem a sua consciência, o seu saber. Sempre que uma criança nasce, ela começa a interagir com os outros e com objetos, e assim vai montando o mundo. Isso é saber, é experiência; a criança já chega ao mundo aprendendo, e aprendizagem não é apenas constatar um conhecimento, mas é tentar conhecer qual é o saber da pessoa ao meu lado. E aí sim problematizar para que a pessoa comece a agir e se tornar sujeita da sua aprendizagem.”

A citação acima corrobora a ideia de que as atitudes dos familiares são importantes para o aprendizado das atitudes pelas crianças, uma vez que afirma que as crianças criam seu mundo de acordo com suas interações. Nesse sentido, é imprescindível a importância de bons exemplos para os alunos, pois eles se espelham nos adultos a quem transferem autoridade e confiança. Os adultos são considerados modelos do que é certo e errado, bom e ruim.

Para OLIVEIRA et al (2015, p. 124) “Questões da conformação e da estrutura social das famílias são consideradas como determinantes para o envolvimento de escolares com o bullying”, WEBER (2010), relata que pesquisas revelaram uma relação significativa entre “clima familiar” e agressão e vitimização sofridas na escola. A autora cita que de modo geral, adolescentes provenientes de famílias que apresentam clima positivo (com alto envolvimento e relacionamento afetivo, regras e limites claros, comunicação positiva, clima conjugal positivo e pais que se apresentam como modelos positivos) envolvem-se menos com *bullying*, seja como agressores ou como vítimas. Por outro lado, com maior frequência, agressores e vítimas vêm de lares no qual o clima familiar apresenta fatores de risco, como uso de punição corporal, conflito familiar, abuso verbal, ausência de regras e monitoria, baixo envolvimento e clima conjugal negativo. Para Piedra e colaboradores (2006) apud Marques (2009), o que também influencia nos casos de agressão, é o fato de muitos familiares mostrarem-se reivindicados em relação aos direitos de seus filhos, pois muitos colaboram com ideias do tipo: “se alguém te bate... bate-lhe também”, e explicam que “se ele bateu, é porque tinha razão”.

Chalita (2008) apud Só, (2010), Afirma que os pais devem preocupar-se com as atitudes e os exemplos e participar da vida social e escolar dos filhos, pois uma família equilibrada tende a gerar filhos equilibrados. Além disto, segundo Vieira (2009, p. 09), “a educação familiar e os sentimentos que os pais transmitem aos seus filhos são de muito valia na formação do indivíduo”.

Assim, nota-se que o *bullying* não é apenas um fenômeno escolar, pois existe uma forte ligação entre o que ocorre na família e as relações de crianças e adolescentes com seus colegas.

5. METODOLOGIA

Participaram do estudo 50 alunos, 15 responsáveis e 09 professores; alunos e professores respondentes pertenciam a rede pública de ensino de Samambaia - DF e os responsáveis também tinham filhos matriculados em escolas públicas da região, que possui grande diversidade econômica e cultural, por isso foi escolhida como objeto de estudo. Entre os professores respondentes, 04 que atuavam nas séries iniciais; 02 em outros anos do Ensino Fundamental e 03 no Ensino Médio.

Foram aplicados três questionários distintos, o questionário realizado com os alunos (Anexo I) era composto por 12 perguntas, adaptadas do questionário realizado pela Kidscape, que há anos dedica-se ao tema *bullying*. Os alunos respondentes foram selecionados aleatoriamente para que pudessem responder de próprio punho, não sendo necessária a identificação do aluno, garantindo assim o anonimato com propósito de obter respostas fidedignas.

O questionário teve o objetivo de identificar como os alunos vivenciam o *bullying* no ambiente escolar, o grupo de alunos que responderam ao questionário é composto por diferentes idades e sexo, conforme demonstra na Tabela 1:

TABELA 1: Demonstrativo de alunos respondentes.

IDADE	5 a 10 anos	11 a 15 anos	16 a 20 anos	21 a 25 anos	(%)
ENTREVISTADO	3	17	27	3	100%
MENINAS	3	11	19	0	66%
MENINOS	0	6	8	3	34%

Quanto aos responsáveis, o questionário foi elaborado pelo pesquisador (Anexo II), com a finalidade de obter informações sobre o seu conhecimento e suas atitudes em relação ao *bullying*. Esclarecemos que nem todos os responsáveis participantes eram responsáveis por alunos participantes.

Os professores que responderam ao questionário composto de onze perguntas (Anexo III), também elaboradas pelo próprio pesquisador, foram escolhidos aleatoriamente e atuam em diversos anos escolares e tempo de formação, conforme tabela a seguir,

buscando-se saber sobre a qualificação e as atitudes desses profissionais diante de situações de *bullying*.

TABELA 2: Demonstrativo de professores respondentes.

	FORMADO NOS ÚLTIMOS DOZE MESES	FORMADOS ENTRE DOIS E TRÊS ANOS	FORMADO ENTRE QUATRO E CINCO ANOS	FORMADOS HÁ MAIS DE CINCO ANOS
EDUCAÇÃO BÁSICA	1	2	0	0
NÍVEL FUNDAMENTAL	0	0	2	1
NÍVEL MÉDIO	0	0	1	2

Após a coleta e análise dos dados foi montada tabelas e gráficos utilizando o software Excel 2007, com a finalidade de realizar um comparativo entre os dados e identificar possíveis situações de risco para prática do *bullying* e, assim, levantar subsídios para a elaboração de intervenções.

6. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DOS QUESTIONÁRIOS

Com a aplicação dos questionários, percebemos que, entre os respondentes, houve mais agressores do que vítimas; sendo totalizado em 39 o número de respondentes agressores, a seguir tabela 3 demonstra os resultados separados por gênero.

TABELA 3: Resultados sobre autores de *bullying*.

IDADE	5 a 10 anos	11 a 15 anos	16 a 20 anos	21 a 25 anos	(%)
COMETERAM <i>BULLYING</i>	1	14	23	1	78%
MENINAS	1	8	16	-	75,75%
MENINOS	-	6	7	1	82,35%

Constatamos ainda que entre os participantes, os meninos são os maiores autores de *bullying*, com os dados revelando que entre 33 meninas respondentes, 75,75% cometeram *bullying*, enquanto que de 17 meninos respondentes, 82,35% já cometeram *bullying* e 100% dos questionados assinalaram que os meninos são os maiores agressores, assim como em nossa pesquisa, Weber (2010), em sua pesquisa, também cita os meninos como os mais frequentes em situações de agressões e de vitimização.

Na análise dos dados em relação ao questionário aplicado aos alunos, o resultado geral demonstrou que, 64% dos 50 participantes, ou seja, 32 alunos responderam já ter sofrido *bullying*; onde 30 afirmaram ter sido vítimas de agressão verbal; o pátio/recreio da escola apareceu como o local de maior ocorrência de *bullying* com 17 alunos tendo sido vitimizados nesse ambiente, em segundo lugar o banheiro da escola, com 08 respondentes vitimizados, a sala de aula teve 06 vítimas e apenas um aluno disse ter sofrido *bullying* no percurso entre ida ou volta da escola. Mesmo entre os que não estavam diretamente envolvidos, presenciou-se o maior número de agressões no pátio/recreio da escola, computando 62% ou 31 situações presenciadas.

Observamos que o local onde ocorre *bullying* com maior frequência é o pátio/recreio da escola, entre crianças de todas as faixas etárias participantes. Sobre ser esse o local onde mais acontecem as agressões, para Rosa (2014), fatores que envolvem o recreio como, espaço físico reduzido, grande número de alunos nos pátios, a diversidade de gênero, a diferença de idade dos alunos, música alta, calor excessivo, ausência de natureza, ausência de opções de brinquedos, de jogos e brincadeiras, profissionais sem formação, etc. podem favorecer as brincadeiras violentas.

“É necessário reinventar os recreios das escolas para prevenir o bullying: repensar a supervisão e o acesso a equipamentos, móveis. Os espaços reduzidos, sem equipamentos de jogo, são espaços monótonos, aborrecidos, que parecem estar associados ao bullying” (Pereira et al., 2002 apud BARROS 2012, p. 103)

Ainda em relação ao total de vítimas de *bullying*, 50% (n=16) dos estudantes participantes, que relataram ter sofrido *bullying*, disseram que não se incomodaram com a agressão; outros 40,62% (n=13) informaram que se sentiram mal; 3,12% (n=1) disseram ter ficado com medo e 6,25% (n=2) relataram não querer mais ir para escola.

No comparativo por faixa etária não houve uma idade que destoasse mais da outra quanto a ser vítima ou ser autor, o único dado que não se repetiu, em todas as idades, foi quanto ao sentimento de quem sofreu *bullying*, onde somente duas pessoas responderam não ter mais vontade de frequentar as escolas após ter sido vítima de *bullying* e essas duas pessoas pertenciam à faixa etária de 11 a 15 anos.

TABELA 4: Resultados da pesquisa sobre vítimas de *bullying*.

IDADE	5 a 10 anos	11 a 15 anos	16 a 20 anos	21 a 25 anos	(%)
ENTREVISTADO	3	17	27	3	100%
MENINAS	3	11	19	0	66%
MENINOS	0	6	8	3	34%
SOFRERAM AGRESSÕES VERBAIS	2	10	17	1	60%
SOFRERAM AGRESSÕES FÍSICAS	0	2	0	0	4%
PÁTIO/RECREIO	2	7	7	1	34%
BANHEIRO	0	1	7	0	16%
SALA DE AULA	0	3	3	0	12%
INDO OU VOLTANDO DA ESCOLA	0	1	0	0	2%
NÃO SE ENCOMODARAM	0	2	13	1	32%
SENTIRAM-SE MAL	2	7	4	0	26%
SENTIRAM MEDO	0	1	0	0	2%
NÃO QUERIA MAIS IR PARA ESCOLA	0	2	0	0	4%

Contudo um dado alarmante é que 100% dos entrevistados já presenciaram situações de *bullying*, conforme demonstra a tabela 4, onde 29 alunos que presenciaram levaram o caso ao conhecimento de algum responsável, 07 pediram para que cessassem as agressões e 14 não tomaram nenhuma atitude em relação às agressões presenciadas.

TABELA 5: Resultados de situações de *bullying* que foram presenciadas pelos alunos.

IDADE	5 a 10 anos	11 a 15 anos	16 a 20 anos	21 a 25 anos	(%)
ENTREVISTADO	3	17	27	3	100%
MENINAS	3	11	19	-	66%

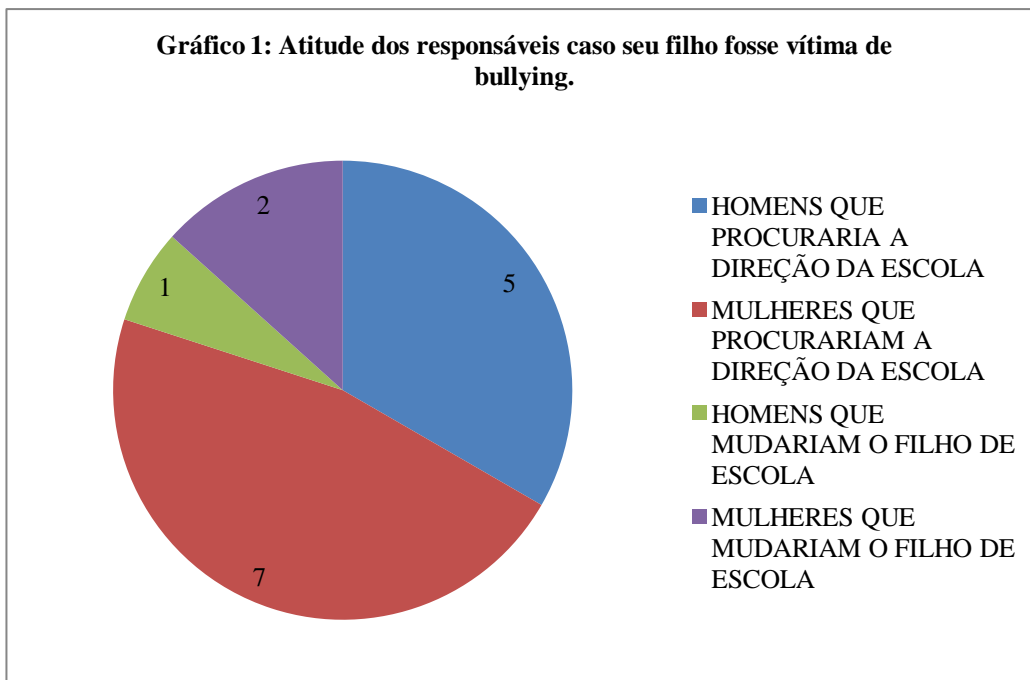
MENINOS	-	6	8	3	34%
PRESENCIARAM ALGUMA AGRESSÃO	3	17	27	3	100%
PÁTIO/RECREIO	2	12	14	3	62%
BANHEIRO	0	0	0	0	-
SALA DE AULA	1	4	11	0	32%
INDO OU VOLTANDO DA ESCOLA	0	0	0	0	-
HORA DO LANCHE	0	0	0	0	-
EM OUTRO LOCAL	0	1	2	0	6%
NÃO FEZ NADA	0	1	10	3	28%
PEDIU PARA PARAR	0	0	7	0	14%
FICOU COM MEDO	0	0	0	0	-
CONTOU PARA ALGUM REPONSÁVEL/ADULTO	3	16	10	0	58%

O levantamento realizado com os 15 responsáveis, nos remeteu aos seguintes dados:

Todos os entrevistados disseram saber o que é *bullying*.

12 dos entrevistados disseram que se seus filhos fossem vítima de *bullying* procuraria à direção da escola. O gráfico 1 representa por gênero a atitude dos responsáveis, em relação à escola, caso seus filhos fossem vítimas de *bullying*.

O fato de a maioria dos responsáveis procurar a direção da escola, caso seus filhos sejam vítimas de *bullying*, demonstra que os responsáveis acreditam que as escolas são capazes de fazer cessar a agressão que seus filhos vêm sofrendo.



13 responsáveis acreditam que apelidos não são apenas brincadeiras de criança e 100% (n=15) dos pais assinalaram que se seus filhos fossem autores de *bullying* iriam conversar com ele para que tal fato não voltasse a se repetir. Analisando tal informação observamos que os responsáveis não desejam ter seus filhos envolvidos em situações de *bullying*, logo caberia à escola aproveitar o interesse do responsável em orientar seu filho e incluir no projeto político pedagógico da escola projetos que contassem com a participação dos responsáveis, para integralizar e fortalecer a prevenção ao *bullying*.

60% (n=09) dos pais ou responsáveis disseram que a escola nunca fez uma reunião para falar sobre *bullying*. Remetendo ao fato de que nenhum responsável quer ter seu filho envolvido na prática do *bullying*, concluímos que as escolas que deixam de realizar reunião para tratar sobre o *bullying* perde um grande aliado no controle e prevenção da prática do *bullying* uma vez que os pais também estão dispostos a colaborar com conscientização de seus filhos, afim de que não cometam *bullying*.

O questionário foi aplicado a 09 professores, entre os professores entrevistados 44,44% (n=04) disseram não ter tido nenhuma disciplina que tratasse sobre *bullying*, 33,33% (n=03) tiveram alguma disciplina que tratava sobre o *bullying* e 22,22% (n=02) não lembravam se tiveram alguma disciplina que retratava sobre o *bullying*.

A tabela 6 demonstra tanto a qualificação dos professores para lidar com o *bullying*, quanto sua maneira de lidar com *bullying*, separando-os por períodos de conclusão do nível superior.

TABELA 6: qualificação e atitudes dos professores para lidarem com o *bullying*.

	FORMADO NOS ÚLTIMOS DOZE MESES	FORMADO ENTRE DOIS E TRÊS ANOS	FORMADO ENTRE QUATRO E CINCO ANOS	FORMADO HÁ MAIS DE CINCO ANOS
EDUCAÇÃO BÁSICA	1	2	0	0
NÍVEL FUNDAMENTAL	0	0	2	1
NÍVEL MÉDIO	0	0	1	2
TIVERAM DISCIPLINA RELACIONADA AO BULLYING	1	2	0	0
FEZ OU FAZ ALGUM CURSO RELACIONADO AO BULLYING	1	0	0	0
JÁ VIVENCIOU ALGUMA SITUAÇÃO DE BULLYING	0	2	2	1
PUNIR É A MELHOR MANEIRA DE LIDAR COM BULLYING	0	1	2	3

Observamos que os professores que assinalaram ter tido alguma disciplina que envolvesse o *bullying* durante o curso de licenciatura, concluíram o curso nos três últimos anos, correspondendo esses professores a 33,33% (n=03) dos entrevistados, e que apenas 01 dos entrevistados fez ou faz algum curso relacionado ao *bullying*, ou seja, 88,89% (n=08) dos entrevistados não buscam a qualificação para lidar com a prática do *bullying*.

Uma vez que entre os respondentes, apenas 1 buscou dar prosseguimento em sua formação visando se qualificar melhor para lidar com *bullying*, constatamos a inexistência de um projeto de qualificação dos professores para lidar com a prática do *bullying* e analisando mais a fundo, alcançando a formação superior, podemos levantar a hipótese que os currículos dos cursos de licenciaturas vem se adaptando para tornar o novo profissional melhor qualificado, já que os três que responderam ter tido disciplinas relacionadas ao *bullying* concluíram o nível superior nos três últimos anos.

Em estudo realizado por Campos & Jorge (2010), estes constataram que o conhecimento dos professores sobre *bullying* vieram da televisão, porém assim como eles mesmos citam em seu trabalho, o problema é que a mídia trata o *bullying* apenas em sua

consequência, não levando em consideração atitudes para prevenção ou práticas para lidar com *bullying*. Outra objeção quanto a esse ser o único meio de informação é pelo fato de que a maioria deles não dispõe de filtro científico ou pedagógico o que pode comprometer a qualidade da informação repassada.

Campos & Jorge (2010), concluíram, ainda, que a maioria dos professores já foram procurados, especificamente pelos jovens, para que interviessem em algum caso de violência ocorrido com eles. Ressaltando a importância de capacitar os educadores, não apenas para identificar casos de *bullying*, mas também para atuar com segurança, já que se configuram canal importantíssimo de comunicação com os jovens.

A maioria dos professores respondentes (66,67% (n=06)) assinalaram que, às vezes, incluem alguma aula sobre *bullying*; 11,11% (n=01) sempre dão pelo menos uma aula sobre *bullying* no decorrer do ano letivo e 22,22% (n=02) nunca incluíram alguma aula sobre *bullying*, esses dados evidenciam que as escolas não têm ou que não é cumprido seu projeto político pedagógico projetos de intervenção a prática do *bullying*, uma vez que a maioria dos professores não tem o hábito de incluir em suas aulas alguma aula sobre *bullying*.

55,56% (n=05) dos professores relataram ter vivenciado alguma situação de *bullying* e 77,77% (n=07) marcaram que diante de uma situação de *bullying* reportariam o caso à direção da escola; 22,22% (n=02) responderam que realizariam uma atividade para conscientizar sobre os riscos do *bullying*, esclarecendo-se que entre esses dois, um assinalou duas alternativas, que levaria o caso para a direção e que faria uma atividade para conscientizar sobre o *bullying* e apenas 01 assinalou que convocaria os pais ou responsável do autor para uma reunião.

Uma vez que a maioria dos professores respondeu que diante de uma situação de *bullying* levaria o caso para a direção, isto pode demonstrar a falta de habilidade desses profissionais para tomar frente ao ato e propor medidas para interromper a prática de *bullying* e que, por vezes, preferem delegar a competência de solucionar o problema.

77,77% (n=7) dos professores respondentes concordam que punir o autor do *bullying* é um meio eficaz para lidar com a prática do *bullying* e apenas 01 professor relatou acreditar que quando ocorre *bullying* a culpa é da família; todos os outros

assinalaram que tanto a família quanto a escola são responsáveis, quando existe a prática do *bullying*, um total de 77,77% (n=7) acha que os professores estão preparados para lidar com o *bullying*, nenhum achou que apelidos e provocações são apenas brincadeiras.

Quando os professores optam por reprimir e não conscientizar, a prática do ato não cessa, por isso ao fazer um paralelo das respostas dos alunos com as repostas dos professores, talvez seja possível explicar porque é no pátio/recreio onde mais acontece a prática de *bullying*, porque é o momento em que eles estão, na maioria das vezes, sem a supervisão de algum professor, o que estaria relacionado ao estudo de Piaget em que tal comportamento foi definido por ele como moral heterônoma, que é quando a criança começa a ter consciência da regra e nesta etapa a criança passa a compreender e a cumprir as regras morais. E o cumprimento às regras se deve principalmente pela coação adulta, a partir de uma relação de respeito unilateral. O sentimento de obrigatoriedade é imposto pela autoridade externa e está sempre relacionado à obediência, que se deve à admiração que a criança tem pelo adulto, quando a criança cumpre a regra para preservar o carinho do adulto, ou pelo medo das sanções (PIERETTI, 2010). Ainda segundo Pieretti (p. 12, 2010), “Heteronomia significa ser governado por outros, fora de nós; e significa que quando não houver outros a nos mandar, ameaçar, punir, podemos ficar ‘sem governo’ e assim fazemos tudo o que nos der na telha!”. Contudo não devemos educar os alunos para se portarem bem apenas diante dos nossos olhos, uma vez que uma das funções do educador é formar cidadãos, logo a melhor solução seria sensibilizar para que a prática não voltasse a se repetir, ou seja, atingir o estágio definido por Piaget como autonomia moral onde o indivíduo pensa de forma autônoma, o sentimento de obrigatoriedade não se deve mais à coação adulta e ao respeito unilateral, pois este sentimento é interior ao indivíduo, não depende de orientação externa (PIERETTI, 2010).

O *bullying* não deve ser tratado como um problema exclusivo da escola, pois mesmo suas atitudes se manifestando na escola a origem do problema pode vir de casa, logo compartilhamos da mesma opinião de Pereira (2007) citado por Barros (2012): “a sensibilização e formação da comunidade da escola é uma etapa importante para criar um clima de não tolerância do *bullying* na escola”. Com base nisto apresenta-se, a seguir, a proposta de intervenção visando à prevenção a prática do *bullying* escolar:

6. PROJETO DE AÇÕES DE INTERVENÇÕES

Constatamos, por meio das bibliografias consultadas e dos questionários aplicados, onde 78% dos alunos participantes afirmaram já ter cometido algum tipo de agressão e 55,55 dos professores assinalaram já ter vivenciado situação de bullying, assim como afirma Fante (2005) apud Só (2010) para lidarmos com a violência no âmbito escolar é preciso agir de modo planejado e bem estruturado, contando com todos os integrantes da comunidade escolar. Com o intuito de prevenir a prática do *bullying*, elaboramos aqui uma proposta de intervenção a ser desenvolvida nas escolas públicas de Samambaia – DF, assim como o que foi dito por Fante (2005), essa proposta de intervenção iria desde a preparação e qualificação dos docentes até ações que envolveriam pais e alunos, ou seja, englobariam toda a comunidade escolar.

Observando a pouca formação que os professores têm sobre o bullying, propomos que a Secretaria de Estado de Educação do DF ministre um mini curso online (EAD), cujo preparo se daria pela seleção dentro da própria secretaria de professores e psicólogos com qualificação certificada para lidar com o *bullying*; a plataforma a ser utilizada seria a própria já existente no site da Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação (EAPE), esse curso capacitaria os professores para melhor lidarem com *bullying*, e esses mesmos profissionais depois de capacitados seriam multiplicadores, responsáveis por desenvolver palestras com os alunos, visando a conscientização sobre os males decorrentes do *bullying*; a proposta também inclui uma reunião com os pais ou responsáveis, a fim de inseri-los no plano de prevenção a prática do *bullying*.

6.1. QUALIFICAÇÃO DOS PROFESSORES

A qualificação dos professores se daria via um minicurso online, porque facilitaria a participação, por não exigir deslocamento e gastos com combustível ou passagens; a escolha por um curso online também se daria pelo fato de se conseguir atingir um maior número de professores em um menor espaço de tempo e também pelo fato de o conteúdo poder ser acessado a qualquer hora e em qualquer lugar, podendo estar disponível para consulta, inclusive, após o encerramento do curso.

O curso seria dividido em cinco etapas e cada etapa corresponderia a um dia, sendo aplicado um questionário avaliativo ao final de cada etapa, exceto a quinta etapa em que o

método avaliativo seria a elaboração de uma proposta de intervenção, realizada pelo profissional.

A primeira etapa se daria por texto e vídeo aulas que abrangeriam conceitos sobre *bullying* e suas formas de manifestos.

A segunda etapa teria como conteúdo os efeitos causados pelo *bullying* no ambiente escolar, ministrado por meio de textos e vídeo aulas.

A terceira etapa buscaria qualificar o professor para identificar os agressores e as vítimas do *bullying*, por meio de textos e vídeo aulas.

A quarta etapa seria composta da exposição de textos e vídeo aulas, a respeito de como lidar com a prática do *bullying*.

A quinta etapa se daria com o professor elaborando um projeto escrito de intervenção buscando, com isso, o desenvolvimento adquirido no decorrer do curso.

6.2. CONSCIENTIZAÇÃO DOS ALUNOS

A intervenção com os alunos se daria por meio dos próprios professores qualificados anteriormente, em um projeto de seis dias, que se daria por meio de palestras ministradas durante os dois primeiros dias, adotando por meio de uma síntese todo o conteúdo aplicado aos professores durante o minicurso online; no terceiro dia seria passado o filme “Um grito de socorro” (Dave Schram, 2013), seguido de um debate sobre o filme, buscando a percepção de cada aluno sobre as consequências do *bullying*. No quarto dia de atividades, seria solicitado aos alunos que, anonimamente, descrevessem três atividades nas quais se julgam muito bons e três atividades nas quais se acham muito ruins; esses papéis seriam dobrados e colocados em uma caixa e, depois, cada aluno tiraria um papel e leria os pontos fortes e os pontos fracos, ao final da dinâmica pediria para que relatassem qual conclusão tiveram da “brincadeira”, o objetivo é que eles atinjam a consciência que todos temos habilidades e dificuldades. No quinto dia, os alunos seriam divididos em grupos com aproximadamente oito alunos, onde cada grupo elaboraria uma apresentação destinada aos pais, de uma peça que retrataria a identificação da vítima e do autor do *bullying*, bem como as consequências do *bullying*. Com o intuito de o quinto dia de atividades acontecer em uma sexta feira, seria proposto aos alunos que esses se dividissem

em grupos podendo até mesmo repetir os grupos da apresentação, onde eles teriam o sábado e o domingo para planejar uma dinâmica a ser aplicada na segunda feira, ou seja, o sexto dia de atividades; essas dinâmicas teria como propósito um dos seguintes itens: atingir integração entre os alunos; ou o respeito as diferenças; ou capacidade de se colocar no lugar do próximo.

6.3. ENVOLVIMENTO DOS RESPONSÁVEIS

Os pais ou responsáveis participariam do processo de intervenção desde o momento em que assistissem à apresentação dos alunos e, ao termino das apresentações, a equipe diretiva da escola iria ministrar uma palestra reforçando sobre como identificar se seus filhos estão sendo vítimas de *bullying* e como agir caso isso venha acontecer. Os pais ou responsáveis, por sua vez, seriam convidados a elaborar um relatório com queixas, sugestões e elogios em relação aos próprios filhos, ao ambiente escolar. Esses relatórios seriam apresentados à direção da escola no momento da reunião de pais que acontece no final de cada bimestre.

7. COMENTÁRIOS FINAIS

A pesquisa realizada foi de grande valia, pois nos permitiu diagnosticar que, no contexto estudado, o *bullying* ocorre com maior frequência no pátio/recreio; além de identificar que os principais responsáveis pela prática do *bullying* são os meninos, possibilitando assim realizar atividades de prevenção mais direcionadas aos ambientes de risco e aos autores mais comuns. Porém alguns limites foram notados, como o professor não querer tomar para si a responsabilidade de lidar com *bullying*, preferindo deixar apenas por conta da equipe de direção como também a falta de incentivo para que os profissionais busquem a formação continuada.

Houve algumas dificuldades no preenchimento dos questionários, pois no momento de aplicação dos questionários os professores estavam em greve e os que eram solicitados a participar, tinham receio em se comprometer de alguma forma; logo a maioria se recusava a preencher os questionários, enquanto outros professores não levavam muito a sério o propósito da pesquisa e alguns professores que se recusaram a responder a pesquisa fizeram um comentário entre si que “hoje em dia tudo é *bullying*”, infelizmente essas atitudes deixam mais difícil o controle do *bullying*.

Quanto aos professores que devem figurar ativamente nas ações de prevenção ao *bullying*, constatamos que a grande maioria não fez ou faz algum curso para qualificá-los para lidar com as situações de *bullying*.

Quanto aos familiares participantes, percebemos que todos têm uma noção básica sobre o que é *bullying* e que a maioria das escolas não realizam reuniões para falar sobre *bullying*.

Pelo campo de atuação e em circunstância do tempo, não foi possível concretizar, ainda, o projeto de intervenção, que foi construído com base nas informações encontradas nas respostas aos questionários. Este projeto terá continuidade para que isto ocorra. O projeto de intervenção seria de extrema importância para qualificar os professores e sensibilizar alunos e responsáveis. A proposta de intervenção seria de fácil implantação, uma vez que não haveria a necessidade de um grande investimento financeiro e contaria apenas com a disponibilidade e comprometimento dos envolvidos.

Com vistas a prevenir à prática do *bullying*, as escolas devem incluir em seus projetos políticos pedagógicos atividades voltadas à prevenção do *bullying* com a participação de toda a comunidade escolar inclusive dos familiares dos alunos.

Após análise dos dados e pensando em uma proposta de intervenção mais viável, consideramos que um projeto de intervenção que poderia ser aplicado nas escolas incluiria questionar os alunos a respeito de quem sofria *bullying* e quem se sentia isolado durante os recreios. Depois, incluiríamos atividades de esporte e lazer durante os recreios por uma semana, como oficina de xadrez, jogos de damas, tênis de mesa e para crianças pequenas poderiam ser desenvolvidas brincadeiras como: amarelinha e o mestre mandou. Após a semana de atividades retornaríamos com o questionário para alunos do ensino fundamental e médio e entrevista com os alunos do 1º ao 5º ano, com as mesmas perguntas e analisaríamos se houve mudanças e se essas mudanças foram significativas.

O desenvolvimento teórico dessa pesquisa serviu para ampliar os conhecimentos sobre *bullying* e ajudou a perceber a necessidade de buscar uma melhor qualificação para lidar com os casos de *bullying*.

Somente o empenho da equipe gestora da escola não é o suficiente para lidar com a prática do *bullying*, uma vez que é de extrema necessidade a presença de recursos humanos qualificados como, por exemplo, os psicopedagogos que são responsáveis por realizar o acompanhamento dos autores e das vítimas do *bullying*, visando por fim nesse sentimento de intolerância e dirimir as consequências do *bullying*, respectivamente.

REFERÊNCIAS

ABREU R. A. A. **BULLYING: O PAPEL DO EDUCADOR E A REALIDADE NAS ESCOLAS – UM ESTUDO INTRODUTÓRIO**, Centro De Ensino Superior Do Ceará Faculdade Cearense Curso De Pedagogia, Fortaleza-Ce, 2013. Disponível em: < <http://www.faculdadescearenses.edu.br/biblioteca/TCC/PED/BULLYING%20O%20PAPEL%20DO%20EDUCADOR%20E%20A%20REALIDADE%20NAS%20ESCOLAS%20UM%20ESTUDO%20INTRODUTORIO.pdf>> Acessado em: 20/10/2015.

BARROS, P. C. **Jogos e brincadeiras na escola: Prevenção do bullying entre crianças no recreio**. Tese de Doutorado em Estudos da Criança, especialidade de Educação Física, Lazer e Recreação, apresentada ao Instituto de Educação da Universidade do Minho. Minho, 2012.

BOLZAN M. S. **BULLYING: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS**, Unijuí – Universidade Regional Do Noroeste Do Estado Do Rio Grande Do Sul Dfp – Departamento De Filosofia E Psicologia, Santa Rosa, 2012. Disponível em: < http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/1305/PSI_-_Micheli_1.pdf?sequence=1> Acessado em: 01/09/2015

CARVALHO G. C. O. **A NECESSIDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES NOS CURSOS DE LICENCIATURA PARA LIDAR COM BULLYING ESCOLAR**. Universidade Candido Mendes – Pós Graduação Lato Sensu Intituto A Vez do Mestre, 2010 Disponível em: <http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/posdistancia/33460.pdf> Acesso em: 23/08/2015.

CAMPOS, H. R., & JORGE, S. D. C. **Violência na escola: uma reflexão sobre o bullying e a prática educativa**. Em Aberto, Brasília, v. 23, n. 83, p. 107-128, mar. 2010. Disponível em:<<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1636/1302>> Acessado em 23/11/2015

DETONI, B. **Bullying: O Lugar da Criança na Família, o Lugar da Criança na Escola**. Pensando Famílias, 12(1), jul. 2008; (119-131).

DRESCH D. & TREVISOL M. T. **ESCOLA E BULLYING: A compreensão dos educadores**, Revista Múltiplas Leituras, v. 4, 2, 2011, p. 1-2. Disponível em:<<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ML/article/viewFile/2842/2905>> Acessado em: 21/11/2015.

DUARTE D. S. **O PAPEL DO PROFESSOR NO COMBATE E NA PREVENÇÃO DO BULLYING EM SALA DE AULA**, Faculdade De Pará De Minas, Curso De Letras, 2013. Disponível em: <<http://www.fapam.edu.br/admin/monografiasnupe/arquivos/1042014205019Danila.pdf>> Acessado em: 20/10/2015.

SILVA A. B. B. **BULLYING CARTILHA 2010 - JUSTIÇA NAS ESCOLAS**, Brasília/DF, Conselho Nacional de Justiça 2 ed. 2010. Disponível em: <http://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/glossarios-e-cartilhas/cartilha_bullying.pdf> Acessado em: 23/08/2015.

FANTE C. **BULLYING, PREVENIR OU REMEDIAR, Estudos alertam que crianças que sofrem bullying são mais propensas a tendências suicidas**, 2014. Disponível em:<<http://odia.ig.com.br/noticia/opiniao/2014-06-03/cleo-fante-bullying-prevenir-ou-remediar.html>> Acessado em: 23/08/2015

GISI, M. L.; VAZ, F. A. B.; VALTER, C. C. N. **BULLYING: UM DESAFIO PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES**, IX ANPED SUL, seminário de pesquisa em educação da região sul, 2012. Disponível em: < <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2268/478>> Acessado em 01/09/2015.

LEANDRO V. L. D. **BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR**, Educação por Pedagogia ao Pé da Letra, 2013. Disponível em: <http://pedagogiaaopedaletra.com/bullying-no-ambiente-escolar/>> Acessado em: 23/08/2015.

MARQUES, F.J.A. **VINCULAÇÃO E BULLYING – ESTUDO COMPARATIVO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES INSTITUCIONALIZADOS E NÃO INSTITUCIONALIZADOS**. Porto, 2009.

MEOTTI J. P. & PERÍCOLI M. **A POSTURA DO PROFESSOR DIANTE DO BULLYING EM SALA DE AULA**, Revista Panorâmica On-Line. Barra do Garças – MT, vol. 15, p. 66 - 84, dez. 2013. Disponível em: < revistas.cua.ufmt.br/index.php/revistapanoramica/article/view/518/155> Acessado em 01/09/2015.

MORAES M. **12 QUESTÕES PARA AJUDAR PAIS A LIDAR COM O BULLYING ESCOLAR**, APEOESP - Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo, Portal Tempo de Mulher, 01 de Novembro 2013. Disponível em: <<http://www.apeoesp.org.br/publicacoes/observatorio-da-violencia/12-questoes-para-ajudar-pais-a-lidar-com-o-bullying-escolar/>> Acessado em 10/10/2015.

NETO A. A. L. **BULLYING**. Adolescência & Saúde. 2007; 4(3):51-56

OLIVEIRA J. M. **INDÍCIOS DE CASOS DE BULLYING NO ENSINO MÉDIO DE ARARAQUARA – SP**, Centro Universitário De Araraquara – Uniara Mestrado Em Desenvolvimento Regional E Meio Ambiente, Araraquara, SP. 2007. Disponível em: < http://www.uniara.com.br/arquivos/file/cursos/mestrado/desenvolvimento_regional_meio_ambiente/dissertacoes/2007/juliana-muranetti-de-oliveira.pdf> Acessado em: 20/10/2015.

OLIVEIRA W. A. et al. **INTERFACES ENTRE FAMÍLIA E BULLYING ESCOLAR: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA**, Psico-USF, Bragança Paulista, v. 20, n. 1, p. 121-132, jan./abr. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psuf/v20n1/1413-8271-psuf-20-01-00121.pdf>> Acessado em: 20/10/2015.

PIERETTI, J.B. **DA HETERONOMIA À AUTONOMIA: AMBIENTE ESCOLAR E DESENVOLVIMENTO MORAL**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia, Porto Alegre, 2010.

RAMOS, A.K.S. **BULLYING: A VIOLÊNCIA TOLERADA NA ESCOLA**. Cascavel/PR: Unioeste; 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/802-4.pdf>> Acessado em 30/09/2015.

ROSA, S.G. **VIOLÊNCIAS NO RECREIO ESCOLAR**. Universidade Estadual De Maringá Centro De Ciências Humanas, Letras E Artes Curso De Pedagogia, Maringa, 2014. Disponível em:< http://www.dfe.uem.br/TCC-2014/SUZANIR_GOMES _ROSA .pdf> Acessado em: 24/11/2015.

SANTOS T. E. M. & Júnior F. O. B. **BULLYING E ADOLESCÊNCIA: EXPERIÊNCIA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE TERESINA-PI**, Revista FSA - Teresina - n° 9 / 2012. Disponível em: <[www4.fsnet.com.br/revista/index.php/fsa/article /download/10/6](http://www4.fsnet.com.br/revista/index.php/fsa/article/download/10/6)> Acessado em: 20/10/2015.

SIMÕES, A. **PESQUISA REVELA QUE PROFESSORES NÃO ESTÃO PREPARADO PARA LIDAR COM O BULLYING**, Maringa, 2010. Disponível em: <<http://digital.odiario.com/cidades/noticia/360358/pesquisa-revela-que-professores-nao-estao-preparado-para-lidar-com-o-bullying/>> Acessado em: 02/09/2015.

SÓ, S. L. **BULLYING NAS ESCOLAS: UMA PROPOSTA DE INTERVEÇÃO**, monografia apresentada como exigência para o curso de especialização em Psicologia Escolar, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Porto Alegre, 2010.

VECHI A. D. K. **BULLYING O PERIGO NAS ESCOLAS**, Centro Universitário Anhanguera Educacional – Revista de Educação.

VIEIRA, G. T. **A PREPARAÇÃO DO FUTURO PROFESSOR PARA LIDAR COM O BULLYING**, Centro Universitário De Brasília - UniCEUB Faculdade De Ciências Da Educação E Saúde – Faces Curso De Pedagogia – Formação De Professores Para As Séries Iniciais Do Ensino Fundamental. Brasília, 2009. Disponível em: < <http://repositorio.uniceub.br/bitstream/235/6821/1/20745522.pdf>> Acessado em: 30/09/2015.

WEBER, L. N. D. **Bullying: marcas de violência na escola**; UNB Agência; Educação; 05/07/2010. Disponível em:< <http://www.unb.br/noticias/unbagencia/artigo.php?id=281#>> Acessado em: 21/11/2015.

ANEXO I - QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DESTINADO AOS ALUNOS

- 1) Por favor, marque se você é:
Menino Menina
- 2) Qual sua idade?
5 a 10 anos 16 a 20 anos
11 a 15 anos 21 a 25 anos
- 3) Você já sofreu algum tipo de intimidação, agressão, apelidos ou xingamentos?
SIM NÃO
- 4) Que tipo de intimidação, agressão ou “brincadeira de mau gosto” você sofreu?
Agressão física Agressão verbal (xingamentos e apelidos)
- 5) Se você já sofreu intimidação, agressão, apelidos ou xingamentos, onde isso aconteceu?
Indo ou vindo da escola Na sala de aula
No pátio (recreio) da escola Na hora do lanche
No banheiro da escola Em outro local
- 6) Como você se sentiu quando isso aconteceu?
Não me incomodou Fiquei com medo
Me senti assustado Me senti mal
Não queria mais ir para a escola
- 7) Você já intimidou, agrediu, apelidou ou xingou alguém?
SIM NÃO
- 8) Você já viu alguém sofrer intimidação, agressão, apelidos ou xingamentos?
SIM NÃO
- 9) Se você já viu alguém intimidar, agredir, apelidar ou xingar alguém, o que você fez?
Não fiz nada Fiquei com medo
Pedi para que parasse Conte para algum responsável/adulto
- 10) Se você viu alguém sofrer intimidação, agressão, apelidos ou xingamentos, onde isso aconteceu?
Indo ou vindo da escola Na sala de aula

No pátio (recreio) da escola

Na hora do lanche

No banheiro da escola

Em outro local

11) Qual tipo de intimidação, agressão ou “brincadeira de mau gosto” você mais vê acontecer?

Agressão física

Agressão verbal (xingamentos e apelidos)

12) Quem você mais vê intimidar, agredir, apelidar, xingar e fazer “brincadeiras de mau gosto”?

Meninos

Meninas

ANEXO II - QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DESTINADO AOS PAIS

1) Por favor, marque se você é homem ou mulher?
SIM NÃO

2) Você sabe o que é *bullying*?
SIM NÃO

Se sim o que é *bullying* para você? _____

3) Qual seria sua atitude se você soubesse que seu filho é vítima de intimidações apelidos ou agressões?

Comunicaria à direção da escola

Procuraria falar com os pais do agressor

Iria instruir seu filho a revidar as agressões

Não iria intervir, pois acredita que seu filho deve aprender a lidar com os problemas sozinho

Mudaria seu filho de escola

4) Você acredita que apelidos são apenas brincadeiras de criança?
SIM NÃO

5) Se seu filho intimidasse, apelidasse ou agredisse outros alunos da escola qual seria sua atitude?

Não faria nada, pois o que ele faz dentro da escola é problema do professor.

Não faria nada, porque é melhor agredir do que ser agredido.

O iria corrigir severamente (surra e/ou castigo).

Conversaria com ele, para que não se repetisse.

6) Alguma vez a escola de seu filho já fez reunião ou palestra para falar sobre *bullying*?

SIM NÃO

ANEXO III - QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DESTINADO AOS PROFESSORES

1) Em qual nível você leciona?

Educação Básica

Ensino Fundamental

Ensino médio

2) Há quanto tempo você se formou?

Nos últimos doze meses

Entre dois e três anos

Entre quatro e cinco anos

Há mais de cinco anos

3) Durante sua formação na Faculdade você teve alguma disciplina que tratou sobre *bullying*?

Sim

Não

Não lembro

4) Você fez ou faz algum curso relacionado ao *bullying*?

Sim

Não

5) Você inclui entre suas aulas alguma aula sobre *bullying*?

Sempre

Nunca

Às vezes

6) Já vivenciou alguma situação de *bullying* no ambiente escolar?

Sim

Não

7) Quando você identifica uma situação de *bullying*, qual sua atitude?

Levo o caso para direção e coordenação.

Convoco tanto o pai do autor quanto o pai da vítima para uma reunião.

Convoco apenas o pai do autor para uma reunião.

Converso com autor.

Realizo uma atividade para conscientizar sobre riscos do *bullying*.

8) Você acredita que punir disciplinarmente o autor do *bullying* é o meio mais eficaz para lidar com a prática do *bullying*?

Sim

Não

Por quê?

9) Para você, quando ocorre a prática do *bullying*, quem errou no processo de desenvolvimento do aluno?

- Ninguém, jovens são por natureza inconsequentes A escola
 A família e a escola A família

10) Você acredita que os professores estão preparados para lidar com *bullying*?

- Sim Não
Alguns

11) Você acha que apelidos e provocações são apenas brincadeiras entre alunos?

- Sim Não

Por quê? _____



Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia
Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação Lato Sensu
Curso de Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos, no
contexto da Diversidade Cultural.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, abaixo assinado, declaro que fui informado, de forma clara e objetiva, acerca da pesquisa de Conclusão de Curso o que tem por objetivo _____

Afirmo que tenho pleno conhecimento de que, nessa pesquisa, serão realizados os seguintes procedimentos: observação, entrevista semiestruturada, aplicação de questionário e análise de documentos diversos. Estou ciente de que não é obrigatória a minha participação nesse estudo, caso me sinta constrangido antes ou durante a realização do trabalho, e de que os materiais utilizados para a coleta das informações serão destruídos após o registro dos dados. Declaro que tenho ciência de que o pesquisador manterá em caráter confidencial todas as respostas que comprometam a minha privacidade e que tenho conhecimento de que receberei informações atualizadas durante o estudo, ainda que isto possa afetar a minha vontade de continuar dele participando. Declaro ainda que me foi esclarecido que essas informações poderão ser obtidas por intermédio (nome do aluno, telefone ou *e-mail*) e que o resultado da pesquisa somente será divulgado com objetivo científico-acadêmico, mantendo-se em sigilo minha identidade e da instituição de ensino. Por fim, afirmo estar ciente de que minha participação neste estudo é voluntária e poderei desistir a qualquer momento, não havendo previsão de gastos ou remuneração. E por estar de pleno acordo com os termos ajustados e mencionados neste documento, assinamos o presente instrumento em duas (duas) vias de igual teor e forma, para um só efeito.

Brasília-DF, ____ de _____ de _____.

Interlocutor da pesquisa

Responsável pela pesquisa